

AS MÁSCARAS DE LÉLIO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (coordenador)

JEFFERSON CANO – MARGARIDA DE SOUZA NEVES

SUEANN CAULFIELD – RICARDO ANTUNES

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA

MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

MICHAEL HALL – SIDNEY CHALHOUB – SILVIA HUNOLD LARA

ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS

AS MÁSCARAS DE LÉLIO
POLÍTICA E HUMOR NAS CRÔNICAS DE
MACHADO DE ASSIS (1883-1886)

EDITOR A U N I C A M P

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Ramos, Ana Flávia Cernic
R147m As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886) / Ana Flávia Cernic Ramos. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

(Coleção Várias Histórias)

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Crítica e interpretação. 2. História.
3. Literatura. 4. Imprensa. 5. Política. 6. Humor. I. Título.

CDD - 900

- 800

- 070

- 320

ISBN 978-85-268-1350-2

- 741.5

Copyright © by Ana Flávia Cernic Ramos

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*

- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*
- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).*
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915).*
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843).*
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicina no Rio de Janeiro imperial.*
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura.*
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868).*
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social.*
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.*
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916).*
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado.*
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920.*
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945).*
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil.*
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaios de história social.*
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).*

- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.
- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis*.
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)*.
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*.
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*.
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990*.
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914)*.
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil*.

- 40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*.
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*.
- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.

*Para meus avós Nilza e Joel,
com amor.*

AGRADECIMENTOS

A tese que originou este livro foi concebida entre os anos de 2005 e 2010. Concluir uma tese nem sempre é resultado apenas de disciplina, pesquisa e desenvolvimento intelectual. Parte significativa desse processo longo de confecção de um texto é feita de sorrisos, carinho, paciência e apoio de muitas pessoas que estiveram presentes e puderam assistir de camarote às angústias da doutoranda. Tal constatação faz dos agradecimentos parte essencial do texto que agora apresento aos leitores.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de uma bolsa de doutorado, que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, a compra de material bibliográfico e as condições para a confecção do texto. Agradeço ainda aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp), fundamental para este trabalho, pela competência e seriedade com que administram a instituição. Parte importante da história deste estudo se originou nas salas de pesquisa desse arquivo.

Sou grata ao professor Sidney Chalhoub pelos dez anos de orientação cuidadosa, paciente e bem-humorada. Inspiração intelectual e profissional, sua paixão pela obra de Machado de Assis fez este trabalho melhor e mais interessante. Sua ajuda foi inestimável para a confecção deste estudo; seus conselhos, sugestões e ideias deram concretude à minha pesquisa e ao meu argumento. Obrigada também pelo carinho que, desde a iniciação científica, tornou a minha experiência acadêmica estimulante e mais divertida. Com ele, aprendi o gosto pelos arquivos e pelos jornais antigos.

Vale ainda lembrar que a tese que gerou este livro não é fruto apenas de um trabalho individual, mas resultado também

das discussões animadíssimas com o grupo de estudo sobre crônicas que há alguns anos se formou na Unicamp e que vem se aventurando na organização da obra cronística de Machado. Obrigada, então, aos queridos Jefferson Cano, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, Margarida de Souza Neves e Lúcia Granja. Nossas reuniões, sempre cheias de trocas de ideias, foram importantíssimas para que a minha leitura de “Balas de Estalo” fosse cada vez melhor e mais interessante. Quero agradecer também a Paulo Franchetti por participar de uma etapa importante do trabalho, estando presente tanto na banca de qualificação quanto na de defesa. Aliás, sou grata a toda banca examinadora da tese por ter aceitado participar da defesa poucos dias depois das folias de Momo.

Agradeço, enfim, a Karen Rodrigues, minha amiga de quem tanto tenho saudades, e que, no início do doutorado, me ofereceu apoio e morada durante os meses em que estive fora de Campinas. Sou grata ainda pela amizade e apoio dos meus grandes amigos Fernando Adorno, Hugo Soares e Alessandra, que desde a graduação fizeram a minha vida melhor, mais cheia de humor e alegria. Hugo, carinhosamente, ainda me ajudou com as traduções do italiano presentes neste texto. Meus amigos também se tornaram a minha família. Agradeço a Alexandre Piccolo, meu amigo querido, que entende tudo de latim e que também colaborou de forma decisiva com as traduções ao longo do texto e com as dicas sobre o mundo da Antiguidade Clássica. Além da ajuda “acadêmica”, sua amizade também foi muito importante para tornar a longa jornada do doutorado mais feliz, cheia de sol e *happy hours*. Sou também muito grata pela amizade de Fabiana Bigaton Tonin, ou ainda “Flor”, minha irmã, companheira desde a graduação. Sozinha em Campinas, nos momentos difíceis, ela era minha referência. Certamente nunca vou agradecer o suficiente. Leitora de meus textos e amiga paciente nas horas de mau humor, tenho certeza de que nossa jornada juntas está só no começo.

Quero agradecer também a toda minha família, que sempre me perdoa pelas longas ausências. Obrigada por vocês existirem, por me amarem e me apoiarem, sempre. Família enorme, saibam

que cada nome está contido aqui e no meu coração. Agradeço em especial à minha mãe, Wildmea, pelo amor e apoio, aos meus avós, Joel e Nilza, que cuidaram de mim desde pequena, aos meus irmãos, Raphael, Nathália e Larissa, e, por fim, às minhas queridas Rose e Júlia, que me acolheram em 2005 e fizeram deste um dos anos mais felizes da minha vida.

Enfim, sou grata a Ricardo, meu amigo de tantos anos, meu leitor privilegiado, que passou a se divertir com as “Balas de Estalo” e com Machado de Assis, meu companheiro de trabalho nas tarde ensolaradas e quentes de Campinas. Seu amor, carinho e paciência fizeram não apenas o processo de confecção deste trabalho mais tranquilo e feliz, mas a minha vida melhor. Obrigada pela ajuda e pelo estímulo nas muitas horas de angústia durante esse longo percurso, mas obrigada, principalmente, por me fazer olhar o mundo de uma forma diferente e mais alegre.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	17
ABREVIATURAS	21
INTRODUÇÃO	23
1 AS MÁSCARAS DE LÉLIO E O NARRADOR MACHADIANO NAS "BALAS DE ESTALO"	43
I - MACHADO E A <i>GAZETA DE NOTÍCIAS</i>	43
II - OS NOVOS RUMOS DA CRÔNICA: O ESTATUTO FICCIONAL	46
III - AS "BALAS DE ESTALO" DA <i>GAZETA DE NOTÍCIAS</i>	55
IV - OS NARRADORES DAS "BALAS DE ESTALO": A QUESTÃO DOS PSEUDÔNIMOS	61
V - A CRIAÇÃO DE LÉLIO	65
2 A BATALHA LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS NAS "BALAS DE ESTALO"	105
I - AS ORIGENS DA BATALHA	113
II - <i>O PRIMO BASÍLIO</i> DE EÇA DE QUEIRÓS: A BATALHA CONTRA O REALISMO NA LITERATURA	117
III - AS NOVAS FRENTES DE BATALHA: O CONTO E A CRÔNICA	130
IV - O "MÉTODO" DE LÉLIO: VERDADE <i>VERSUS</i> MENTIRA	140
V - FICÇÃO E RETÓRICA ALÉM DA LITERATURA: SENTIDO POLÍTICO DA BATALHA LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS.....	178
3 A DESILUSÃO DE LÉLIO: CRÔNICA E INDETERMINAÇÃO HISTÓRICA.....	217
I - ESCRAVIDÃO E INDETERMINAÇÃO HISTÓRICA: A LEI DOS SEXAGENÁRIOS NA IMPRESA CARIOCA	224
II - SER E NÃO SER NA POLÍTICA IMPERIAL	240
III - A LEI DO VENTRE LIVRE E O ÍDOLO BABILÔNICO.....	256
IV - AS ELEIÇÕES DE 1884: A CAMINHO DA DESILUSÃO	274
V - A LEI DOS SEXAGENÁRIOS E A DESILUSÃO DE LÉLIO	302

EPÍLOGO	385
FONTES	393
BIBLIOGRAFIA	397

PREFÁCIO

Como não se deixar encantar por este Lélío, de Machado de Assis? Ele nos fala tão de perto. Um belo dia, Lélío pensa num sujeito hipotético, que poderia ser ele próprio, eu ou você, leitora, em 1885 ou em 2016. A pessoa acorda, levanta-se como qualquer mortal, faz as abluções matinais, enxuga-se, veste-se, senta-se para tomar um café, abre um jornal e... zás! Encontra-se “em plena mágica. Toda a noção de realidade desaparece; o devaneio, espalhando as asas moles e apoiadas, leva-o às regiões mais inacessíveis do espírito humano” (“Balas de Estalo”. *Gazeta de Notícias*, 7 de fevereiro de 1885). Mas o que aconteceu? O sujeito apenas começara a ler as notícias políticas do dia...

Machado de Assis sabia como ninguém que a realidade podia superar em muito a ficção. O mote da “pérola”, do “absurdo” do cotidiano, em especial do cotidiano da política, oferecia uma plethora infinita de possibilidades temáticas e fez da crônica talvez o gênero no qual Machado tenha sido mais prolífico, a julgar pelo número impressionante de mais de 600 textos publicados em diversos periódicos ao longo de quatro décadas. Nesse conjunto de textos de grande diversidade, a contribuição de Machado de Assis à série coletiva “Balas de Estalo” (127 crônicas!) é em especial reveladora da trajetória do literato no gênero cronístico e da relação entre a crônica, o conto e o romance no seu jeito de conceber a atividade literária.

Não é exagero dizer que a autora de *As máscaras de Lélío* tem dedicado a sua vida de pesquisadora ao trabalho hercúleo de ler, anotar e interpretar essa série complexa e longuíssima de textos. Consultei alfarrábios antigos e vi que Ana Flávia já dedicou mais de 16 anos ao estudo das “Balas de Estalo”! A leitura deste livro

transmite uma sensação condizente com o dado empírico, os mencionados 16 anos de pesquisa: o texto flui com segurança, solidez, numa densidade de referências cruzadas e voos interpretativos que só o tempo longo da reflexão torna factível.

Há muita coisa original na abordagem de Ana Flávia, mas vou mencionar brevemente apenas três delas, que, em minha visão, deslocam bastante o modo de conceber a análise da trajetória do cronista Machado de Assis. Em primeiro lugar, há o esforço de situar os textos de Machado de Assis em “Balas de Estalo” como participação dele num projeto jornalístico e literário coletivo. “Balas de Estalo” foi uma série da qual fizeram parte, em tempos diversos, meia dúzia de autores, depois uma dúzia, até mais. Cada autor dava a pena a uma personagem narradora, às vezes duas, sendo que a escolha dos pseudônimos e a atribuição de certas características a cada uma delas configuravam um terreno comum de discussão, de conhecimento de diferentes perspectivas a respeito dos temas que se impunham à atenção do público. É como se os vários narradores da série representassem um conjunto de leitores do jornal, que, ao compartilharem a circunstância de viver o desafio de buscar conferir significação aos acontecimentos do momento, o faziam segundo pontos de vista diversos, constituindo um espaço público de debate e formação de opinião.

Em segundo lugar, a análise lenta da dimensão coletiva da série permite que a construção de Lélío, o narrador inventado por Machado de Assis, seja observada por perspectivas até aqui pouco exploradas. É possível comparar, a respeito de um qualquer assunto à baila, as visões contrastantes de Lélío em relação a outros narradores da série – por exemplo, Lulu Sênior, personagem da lavra de Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta de Notícias*. Quanto à medicina, Lélío achava que tal ciência era “um ato de fé”, cujo postulado máximo era “o grito muçulmano”: “crê ou morre”. Lélío brincava com frequência com a relatividade dos procedimentos de cura, em especial quanto a remédios que em princípio curavam tudo, para depois deixarem de curar e caírem no esquecimento – aliás, esse era um tema machadiano por excelência, que voltaria em séries cronísticas posteriores, como “Bons Dias!” e “A

Semana”. Assim, sempre jocoso quanto ao assunto, Lélío dizia trazer no bolso uma “panaceia” destinada a curar todos os males da política, tinha “remédios eleitorais”, “remédios contra capoeiras”, contra a “invençível melancolia” de certos indivíduos e assim por diante. Lulu Sênior, em contraste, apresentava uma postura mais convencional em relação à medicina da época, aderindo à crença em sua cientificidade.

Por fim, a autora explora com maestria a questão da subjetividade do narrador machadiano na série, o fato de que a sua maneira de interpretar o mundo à sua volta muda com a experiência da história. Mais precisamente, no início da série Lélío “ria de tudo”, a ponto de precisar se defender de um suposto crítico, que lhe reprochava o tom galhofeiro. O narrador desafia o crítico a “raspar a casca do riso”, para encontrar dentro algo mais filosófico. Todavia, a personalidade do narrador, por assim dizer, muda substancialmente ao longo do tempo, passando de gaiato a um tanto casmurro e melancólico. Ana Flávia demonstra que o divisor de águas foi a decepção da personagem com a guinada conservadora na política de emancipação escrava, com projetos mais ousados de lei dando lugar ao compromisso conservador da Lei dos Sexagenários, de 28 de setembro de 1885. Nisso Lélío parecia seguir o conjunto dos jornalistas da *Gazeta de Notícias*, que, Lulu Sênior/Ferreira de Araújo à frente, castigaram a guinada política pró-escravocrata de 1885. Desse modo, a análise da série no tempo permite explorar a indeterminação histórica na construção da personagem narradora, com o Lélío brincalhão dos textos iniciais virando o Lélío-Pantaleão das crônicas finais.

Haveria muito mais a dizer sobre *As máscaras de Lélío*, mas não carece alongar este Prefácio. Este livro é um marco nos estudos machadianos, resultante de uma trajetória longa de investigação, de pesquisa feita com pachorra e afincos impressionantes. Basta ler para conferir.

Sidney Chalhoub

Julho de 2016

